



O contexto social do humor e a reprise de Sai de Baixo¹

The social context of humor and Sai de Baixo's rerun

Clarice Greco

Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNIP. Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Co-coordenadora do Grupo de Estudos de Análise de Produtos Audiovisuais. E-mail: claricegreco@gmail.com.

Paulo José de Sousa

Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNIP em Comunicação, com bolsa CAPES. Integrante do Grupo de Estudos de Análise de Produtos Audiovisuais. E-mail: pajsou@gmail.com.

¹ Este artigo é uma versão revista e atualizada do trabalho apresentado ao GT Estudos de Televisão no XXX Encontro Anual da Compós, na PUC-SP, São Paulo, em julho de 2021.



Resumo

Este artigo propõe discussão sobre elementos característicos do humor presentes no programa Sai de Baixo da TV Globo. Sucesso de público nos anos 1990, as piadas carregam estereótipos e preconceitos questionados por diversos movimentos sociais ao longo das últimas décadas. O referencial teórico perpassa estudos sobre o riso, estereótipos e preconceitos e a análise de conteúdo debruça-se sobre os focos temáticos de quatro episódios da série. Como principais resultados, destacamos o desalinhamento da reprise em relação aos debates sobre inclusão social recentes; a importância do resgate de discussões sobre a responsabilidade social da TV e o entendimento de que a reprise e a continuidade da série indicam a preservação de nicho de audiência que apoia esse tipo de humor.

Palavras-chave: Humor. Sai de Baixo. Reprise. Preconceito. Estereótipos.

Abstract

This article proposes a discussion about the type of humor of the program Sai de Baixo on TV Globo and the rerun of the show. A big hit in the 1990s, the jokes from the show carry stereotypes and prejudices questioned by social movements over the last decades. The theoretical framework permeates studies on laughter, stereotypes and prejudice. The content analysis focuses on the jokes of four episodes of the series. As main results, we highlight the misalignment of the rerun with recent debates over social inclusion; the urgency to resume discussions about TV's social responsibility and the understanding that the continuity of the series indicates the preservation of an audience niche that supports this type of humor.

Keywords: Humor. Sai de Baixo. Rerun. Prejudice. Stereotypes.



1 Introdução

As reivindicações de grupos sociais que questionam as múltiplas formas de preconceito enraizadas na sociedade encontram-se, possivelmente, entre as transformações sociais e culturais de maior visibilidade nos últimos vinte anos. Temas como ofensas públicas na internet, a noção de 'politicamente correto' e demais pautas que visam reduzir (ou mesmo abolir) as ofensas a grupos minoritários² têm sido frequentemente debatidas. Movimentos contra piadas racistas, homofóbicas ou preconceituosas ocupam a internet questionando a pertinência de certos tipos de humor.

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar as múltiplas formas do riso no programa Sai de Baixo da TV Globo. O aporte teórico conecta-se à proposta do riso como ingrediente oportuno que conduz o telespectador a solidarizar-se na risada coletiva. Na intenção de apresentar um olhar objetivo e pragmático sobre as nuances do humor, observamos os temas e abordagens presentes nos diálogos das personagens em quatro episódios da série. Foi possível identificar, a partir da análise de conteúdo temático, que grande parte das piadas do programa apresenta conteúdo vinculado a estereótipos e preconceitos, especialmente os relacionados a questões de classe, gordofobia, machismo e xenofobia.

Originalmente exibido entre 1996 e 2002, Sai de Baixo retornou à pequena tela em 2017, com reprise nas tardes de sábado. O programa foi escolhido por ser um dos mais emblemáticos exemplos do humor zombeteiro na televisão e, além de ter episódios reprisados quase trinta anos após sua primeira exibição, contou com a produção de novos episódios em 2013 e um longa-metragem em 2019. Estes fatores apontam para a permanência de um nicho de audiência que ainda preza por esse tipo de humor, o que evidencia um longo caminho a ser percorrido pelos movimentos de luta por respeito e igualdade.

2 Humor e zombaria

A comicidade é uma característica essencialmente humana. De acordo com Bergson (1983), não costumamos rir de coisas inanimadas ou paisagens, apenas quando remetem a características humanas (por exemplo, rimos de bichos quando parecem gente, pois possuem atitudes humanas). Nesse universo do riso, a comédia exerce a função de espantar os temores e inquietudes dos homens, por meio de um universo em que a ordem é sempre restabelecida (MINOIS, 2003).

Outro mecanismo de impulso ao riso é o imprevisto. Na comédia Sai de Baixo, o imprevisto aparece, muitas vezes, durante o silêncio entre uma fala e outra, como a preencher os vazios do suposto esquecimento de alguma fala. Nesses momentos, há uma quebra de expectativa da "perfeição"

² Sociologicamente, o termo minoria refere-se a categorias ou classes sociais que se encontram em desvantagem social ou sob privação de direitos. A ideia de minoria social está calcada nas relações de dominação entre os diferentes subgrupos na sociedade. Portanto, não implica, necessariamente, em minoria numérica (ex: negros, quilombolas, indígenas, homossexuais, etc).



da produção e da atuação, quando os atores deixam de ser os personagens e passam a representar a si mesmos. Quando os próprios atores dão risadas, o telespectador sente-se mais próximo a eles, o que provoca o riso amistoso e inesperado.

Há, ainda, o riso “Maria vai com as outras”, que se faz presente muito além da poltrona, seja no cinema, no teatro ou diante da TV. Nesse caso, a presença da plateia e suas risadas instantâneas funcionam como um convite ao riso coletivo. Essa estratégia substitui o uso de risadas eletrônicas, muito comum nos anos 1990. Boal (2009) critica a risada eletrônica, pois vê o estímulo ao riso como sinal de um consumidor passivo e inconsciente.

Por outro lado, podemos pensar a comédia como uma forma de entretenimento buscada pelo telespectador para uma fuga cotidiana. Assim, o riso não seria algo imposto a ele, mas algo intencionalmente buscado para um descanso mental após vivência de mazelas do dia a dia. Nosso ponto não é, portanto, a crítica ao riso, mas sim ao tipo de comédia utilizada em certos momentos como artifício para a comédia.

De acordo com Minois (2003), a humanização do riso pelos filósofos gregos passa por duas vertentes: o riso gelan e o katagelan, que abrangem desde a ironia Socrática à zombaria de Luciano.

Desde a época arcaica, há dois tipos de riso que o vocabulário distingue: Gelan, o riso simples e subentendido, e Katagelân, “rir de”, o riso agressivo e zombeteiro, que Eurípedes condena em um fragmento da Melanipeia: “Muitos homens, para fazer rir, recorrem ao prazer da zombaria. Pessoalmente, detesto esses ridículos cuja boca, por não ter sábios pensamentos para expressar, não conhece freio”. Esse julgamento já anuncia uma nova sensibilidade, que considera inconveniente, maldoso e grosseiro o riso brutal da época arcaica. (MINOIS, 2003, p.33)

O programa Sai de Baixo provê os dois tipos de riso. Nas ocasiões em que a comédia baseia-se no improviso, no gesto mecânico ou por situações cotidianas cômicas, o programa Sai de Baixo traz o riso gelan, leve e provocado por identificação. Em outras ocasiões, ao zombar da sugerida pouca inteligência da mulher (Magda, esposa de Caco Antibes), do porteiro nordestino Ribamar ou da empregada gordinha Edileuza, faz uso de estereótipos e de preconceitos, aspirando ao riso katagelan.

Neste artigo, destacamos a problemática deste o último tipo de riso, aliando-a a uma necessidade cultural de readequação do conteúdo humorístico, ou de mutações do riso, em princípio semelhante ao sentido de mudança que acompanha um vetor temporal das mídias de humor (PICADO, 2015). Esse mesmo tipo de riso foi discutido por Morreall (2009), ao abordar as irresponsabilidades éticas (ou o que ele chama de éticas negativas do humor) e os riscos de promoção de preconceitos aliados ao humor ofensivo e se alinha com o pensamento de Mondal (2014) sobre a liberdade de expressão estar intrinsecamente ligada a limitações morais e éticas.



3 Estereótipo e preconceito

O humor é uma produção cultural que pode influenciar na construção das identidades. Mesmo atuando com atores e representações, a comédia é capaz de suggestionar formas de como a sociedade poderá categorizar pessoas imputando um aspecto caricatural. Lippmann (2008) atribui um significado aos estereótipos como cenas cognitivas que se alternam, sistematicamente, entre o indivíduo e a realidade. Ainda que o estereótipo refira-se às características construídas socialmente, ele pode ter consequências nefastas a nível das relações intergrupais (CABECINHAS, 2002), pois leva ao preconceito.

Segundo Lippmann (2008), sempre vemos apenas um aspecto ou uma fase de qualquer acontecimento público de grandes dimensões. Com isso, os testemunhos são sempre dotados de uma dose de criatividade e ponto de vista individual e incompleto, pois criamos uma relação de contato inicial baseada em concepções prévias. Muitas vezes, essas preconcepções são fruto da associação de um indivíduo com uma característica comum a um grupo (Amossy e Herschberg, 2001) e nos levam a uma visão superficial ou subestimada de questões sociais e culturais complexas, como regiões, pessoas e comunidades.

Na sociedade, como afirma Heller (2008), predominam sistemas de preconceitos sociais estereotipados e estereótipos de comportamentos carregados de preconceitos. Segundo a autora, não é a vida cotidiana que produz o preconceito em sua dimensão social, pelo contrário, seria uma particularidade do homem estar vinculado a sistemas de preconceitos. 4 Assim, os sistemas de preconceito seriam provocados pelas integrações sociais nas quais vivem os homens.

Configura-se, assim, o preconceito como um conjunto de crenças baseadas em ações e em condutas, normalmente carregado de linhas ofensivas direcionadas às minorias. De acordo com Moraes (2012), o preconceito apresenta-se de diversas formas: de gênero, identidade sexual, condição social e raça. Esses preconceitos com base em estereótipos aparecem e são consolidados, muitas vezes, com o auxílio dos meios de comunicação. Segundo Martino e Marques:

muitos estudos sobre gênero, sexualidade e raça/etnia têm-se dedicado a analisar a forma como os meios de comunicação homogeneizam, ridicularizam e marginalizam pessoas e grupos minoritários. Uma das noções que elucidam essas abordagens é a de estereótipo. (MARTINO & MARQUES, 2015, p.81)

Esses elementos tornam-se alvo de comédias como paródias e sátiras, que visam a exacerbar os estereótipos consagrados sobre as minorias e levar ao riso katagelan, zombeteiro, em grande parte das redes apoiado em ofensas e diminuição dos méritos desses grupos. Esse mesmo riso foi entendido por Descartes como estando conectado ao ódio ou desprezo e que Hobbes entenderia como superioridade desdenhosa (ou riso de superioridade). Um exemplo deste humor está no programa Sai de Baixo.



4 Humor e Preconceito em Sai de Baixo

O programa Sai de Baixo, humorístico de sucesso na década de 1990, voltou à programação da TV Globo e da TV paga em 2017, na Sessão Comédia, aos sábados pela tarde. Além da transmissão da TV aberta, o conteúdo também é disponibilizado no canal Viva para os assinantes e na Internet pela plataforma de streaming da emissora, o Globoplay. Apresentado inicialmente entre os anos de 1996 e 2002, o programa em formato de teleteatro foi exibido originalmente em 245 episódios distribuídos em oito temporadas, nas noites de domingo. Mais à frente, em 2013, foram produzidos, pelo canal pago Viva, quatro novos episódios do programa, exibidos no canal Viva e na Globo, em horário noturno. Em todas as edições, as gravações eram ao vivo. No palco do teatro, a comédia era recheada de improvisos que rendiam muitas palmas da plateia. Em 2019, foi lançado um longa-metragem inspirado na série.

O programa foi criado por Luis Gustavo e Daniel Filho e teve os episódios dirigidos por Dennis Carvalho e roteirizados por Artur Xexéo e Miguel Falabella. O programa foi originalmente produzido para a TV, mas era gravado em formato de teleteatro, no Teatro Procópio Ferreira, onde contava com auditório participativo, reduzindo a distância entre os personagens e a plateia.

A estrutura narrativa girava em torno de um casal, Caco Antibes (Miguel Falabella) e Magda (Marisa Orth), que perde sua renda e, juntos com Cassandra (Aracy Balabanian), mãe de Magda, se mudam para a casa de Vavá (Luiz Gustavo), irmão de Cassandra. No programa, a família divide o mesmo teto, um apartamento no largo do Arouche em São Paulo e vive em um ambiente com personagens que se identificam com a maior parte do público, como o porteiro nordestino Ribamar (Tom Cavalcante) ou a empregada Edileuza (Claudia Jimenez). Ao longo das oito temporadas, o programa sofreu algumas alterações. O porteiro Ribamar deu lugar a Ataíde (Luiz Carlos Tourinho), além de terem passado pelo apartamento do Arouche mais três empregadas: Lucinete (Ilana Kaplan), Sirene (Cláudia Rodrigues) e Neide Aparecida (Márcia Cabrita).

As piadas contidas no humorístico Sai de Baixo revelam diversos níveis de preconceitos, em especial misoginia, gordofobia, preconceito de classe e xenofobia. Nossa principal proposta é trazer uma percepção prática a fim de promover a discussão sobre este tipo de humor atualmente e, com isso, estimular a reflexão sobre reprises de programas de humor em uma sociedade rapidamente mutável.

Visamos, também, refletir sobre como analisar piadas que seriam consideradas, por vários grupos ativistas, inadequadas para atualidade, uma vez que esses ingredientes podem imprimir estereótipos nas pessoas ou grupos sociais, questões hoje amplamente contestadas, especialmente por movimentos que ganham força e visibilidade nas redes sociais. Essa discussão é especialmente importante em tempos de retorno a uma sensação de liberdade simbólica de proferir preconceitos, instigada no período de eleições presidenciais e que ainda perdura. Nesse contexto, a análise mostra também a percepção de fãs do programa, que mesmo hoje apoiam o conteúdo das piadas exibidas no programa, especialmente nas redes sociais.



Os preconceitos na narrativa eram centrados na figura do protagonista Caco Antibes (Miguel Falabella), definido por ele mesmo como: louro, alto, dinamarquês. Os bordões “famosos” declamados por Caco (“Eu tenho horror a pobre”, “Cala a boca, Magda!”) tornaram-se marcadores do tipo de humor do programa, sendo repetidos pelo público não só na plateia mas também nos círculos sociais. Bordões são frases repetidas para criar efeito cômico, tendo como recurso um tipo de humor ligado ao gesto mecânico, no qual os gestos e movimentos se tornam engraçados por sua representação e repetição (Bergson, 1983). Ao serem utilizados em contextos sociais externos ao programa de TV, tais frases ganham valor simbólico e passam a ser representativas de uma percepção social.

Magda (Marisa Orth), esposa de Caco, virou sinônimo de “mulher burra” ao ser chamada de “mula” e “anta”, em demonstração do preconceito contra a condição da mulher, além de elevá-la ao símbolo de “objeto sexual”, por suas saias curtas e pernas torneadas, levando a plateia a declamar em coro “Magda gostosa”. Além disso, no menu de anedotas também figuram piadas contra nordestinos, representados por porteiro de prédio e empregada doméstica.

Havia também ofensas de cunho gordofóbico, em especial contra a doméstica Edileuza. A própria atriz Claudia Jimenez, que interpretava a doméstica, chegou a declarar ao jornal O Globo que se sentia incomodada com as piadas sobre sua forma física, tendo inclusive recusado convite, inicialmente aceito, de gravar o recente do filme de Sai de Baixo após ler o roteiro³.

Quanto à audiência, os índices não são, hoje, os mesmos do auge do sucesso nos anos 1990. Apesar da média variável nos primeiros anos de exibição, o programa alcançou picos de 26 a 31 pontos aos domingos e média de 20 a 29 pontos⁴. Atualmente⁵, o programa mantém média de 11 pontos de audiência, com picos de 12. Comumente, reprises têm médias mais baixas do que as exibições originais, portanto não se pode afirmar que o sucesso reduzido seja por razões do tipo de humor, uma vez que elementos como a nostalgia podem reacender o afeto dos fãs por uma ficção (GRECO, 2019).

Porém, podemos perceber que, por um lado, existe demanda social por mudanças nos humorísticos e a crescente necessidade de comédias que se proponham a trazer para a TV aberta um humor não ofensivo, criativo e original. Por outro lado, a continuidade da reprise, a gravação de episódios inéditos em 2013 e o filme lançado em 2019 podem ser vistos como indícios da aceitação atual pela série, ainda que seja por uma audiência de nicho.

Seria possível contra-argumentar que a caracterização do personagem Caco Antibes propõe uma crítica ao protagonista, um estereótipo também encontrado na sociedade – o homem cis, hetero, branco e rico, cuja visão patriarcal e elitista nada mais é do que um espelho da realidade. Assim, as

³ Fonte: O Globo. Patrícia Kogut. Claudia Jimenez desiste de participar do filme do ‘Sai de Baixo’. 09.05.2018. Disponível em: <https://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/noticia/2018/05/claudia-jimenez-desiste-de-participar-do-filme-d-o-sai-de-baixo-achei-que-tinha-virado-pagina-mas-nao-superei.html>. Acesso em 27.10.2022.

⁴ Fonte: Folha de São Paulo. Globo supera SBT com ‘Sai de Baixo’. 21/04/1996. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/4/21/tv_folha/9.html - Acesso em 27.10.2022.

⁵ Folha Online. 2 de abril de 2001. “Sai de Baixo’ volta das férias e bate audiência do SBT” <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u12301.shtml> - “Sai de Baixo’ volta das férias e bate audiência do SBT”



piadas do programa não seriam direcionadas ou intencionadas ao preconceito em si, mas uma crítica a ele. O ator e criador do programa, Miguel Falabella, afirmou que a trama sempre foi uma crítica social:

Ninguém nunca disse que o Caco é um exemplo. Muito pelo contrário. Uma pessoa que diga isso tem que ser internada, porque ele é um psicótico e sempre foi. Ele [o Caco] é um psicótico que existe no Brasil", diz Miguel Falabella⁶.

Na afirmação, Falabella defende a intencionalidade do programa de estimular a percepção crítica dos espectadores, mas não comenta o risco de reforçar preconceitos. Acreditamos, entretanto, que a hipótese de Caco Antibes ser um estereótipo a ser criticado não ganha força, uma vez que os preconceitos são visíveis também na construção dos personagens aos quais as ofensas são direcionadas.

Como veremos na análise empírica, as piadas preconceituosas em Sai de Baixo mostram-se "verídicas", uma vez que a configuração das personagens reforça o estereótipo criticado. Por exemplo, Magda não demonstra atitudes de empoderamento que contestem as agressões do marido. Ao contrário, suas falas colecionam ignorância, erros gramaticais e desconhecimento intelectual e cultural, sempre com as pernas à mostra.

Na ocasião do lançamento do longa-metragem Sai de Baixo – o filme, a Folha de São Paulo⁷ afirmou que "a versão de Sai de Baixo que estreou nos cinemas no início do ano de 2019 se encaixa como uma luva no que se convencionou rotular de "politicamente incorreto", assim como o programa de TV exibido entre 1995 e 2002." A adaptação para o cinema foi dirigida por Cris D'Amato, que durante a entrevista para o portal UOL⁸, defendeu que "o filme é um espelho cristalino da sociedade e do humor "sem freio" praticado nos anos 1990, aquele que brincava com estereótipos, preconceitos e, por vezes, alvejava minorias."⁹ Os comentários reforçam nossa percepção de que o filme se constitui em uma versão recente do programa, que resgata o tipo de humor dos anos 1990 sem imprimir olhar crítico ou revisões morais e éticas que acompanhem as demandas sociais.

Não temos a pretensão de apontar uma solução para os diversos níveis de estereótipos e preconceitos presentes no humor de Sai de Baixo, mas propor uma reflexão. Falamos que o mundo que vivemos é um lugar de mudanças, mas o que chama a atenção é a mudança semântica que os últimos anos vem clamando, as variações entre os significantes e os significados, as consequências de utilizarmos alguns termos de forma ofensiva. Trata-se de pensar nas mutações do riso, conforme observado por Picado (2015) em relação à dimensão plástica das tirinhas, que sofrem mudanças a

⁶ Fonte: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/02/20/miguel-falabella-so-gente-burra-acha-que-cacopode-ser-visto-como-exemplo.htm> acesso em 01/11/2019

⁷ Fonte: <https://f5.folha.uol.com.br/cinema-e-series/2019/02/sai-de-baixo-o-filme-estreia-com-politicamente-correto-delado-improviso-e-novos-personagens.shtml>

⁸ Fonte: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/02/25/como-o-feminismo-mudou-a-historia-de-sai-debaixo-sem-voce-perceber.htm> acesso em 01/11/2019

⁹ Fonte: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/02/25/como-o-feminismo-mudou-a-historia-de-sai-debaixo-sem-voce-perceber.htm> acesso em 01/11/2019



partir de um vetor temporal. Também Silva (2015, p. 133), em relação ao drama, reforça que as transformações narrativas ao longo da história devem ser entendidas a partir de suas relações com o contexto de cada obra, sejam de ordem discursiva, tecnológica ou social, como as modificações nas dinâmicas sociais representadas. Assim, as narrativas devem ser compreendidas, segundo o autor, em sua relação dialética com a visão de mundo e o ethos de uma época específica da história recente.

Da mesma forma, no humor televisivo, a temporalidade traz necessidade de readequação de conteúdos midiáticos, tocando na responsabilidade social da TV em relação aos programas exibidos. A maneira de ver o outro é transmitida por meio das ideias e da forma como se vê o mundo. Mesmo no humor há expressões que precisam ser reavaliadas. Sai de Baixo pode transgredir ideias e conceitos, mas também pode, por fim, propor e reforçar estereótipos que levam ao preconceito.

5 Personagens e Categorias de Estereótipos

Apresentaremos, agora, os resultados de análise do humor a partir da análise de quatro episódios do programa Sai de Baixo. A escolha por análise de conteúdo das piadas insere-se no entendimento da TV (e, portanto, de seu conteúdo), como parte integrante e reflexo da sociedade, especialmente a TV privada, por sua dependência de índices de audiência. Os conteúdos exibidos na televisão compõem o contexto de sua transmissão e são, portanto, também um retrato da sociedade. Além disso, mesmo que a aceitação ou crítica social fique a critério do público (podendo ser avaliada apenas, talvez, por uma pesquisa de recepção), acreditamos que a mera existência de regravações e lançamentos de novos conteúdos desse tipo são indícios relevantes da aceitação desse tipo de humor, o qual muitos movimentos sociais têm lutado para que seja revisto.

Dito de outra forma, a análise de conteúdo é aqui utilizada a fim de trazer a debate a responsabilidade social da TV em relação ao que é transmitido. O compromisso com a ética e a responsabilidade social recai sob a TV em dois aspectos: o fato de ser empresa privada e inserida, portanto, no âmbito da responsabilidade social corporativa (ASHLEY, 2005; LEVEK, 2002); e o fato de ser uma mídia de grande alcance que faz uso de concessão pública e, como tal, possui compromisso social intrínseco (BORGES & REIA-BAPTISTA, 2008; PAULINO, 2008). Assim, ainda que abordemos questões de ordem social, acreditamos que o olhar para o que é exibido relaciona-se intimamente com a compreensão da TV como mídia cujo conteúdo é fundamental para as transformações sociais.

A análise de conteúdo dos episódios foi organizada, conforme recomenda Bardin (2016), em três fases: a escolha dos episódios a serem analisados; a formulação das hipóteses e dos objetivos; e a elaboração de indicadores ou categorias que fundamentem a interpretação dos dados. As fases da análise dessa pesquisa contemplaram a seleção do corpus, a exploração do material para classificação em categorias, tratamento dos resultados e a referida análise.

O corpus foi selecionado a partir de observação dos episódios reprisados entre janeiro e julho de 2019, dentre os quais selecionamos quatro episódios a partir dos critérios propostos por Bardin



(2016) de representatividade (a seleção deve contemplar uma amostra representativa do universo da série) e homogeneidade (os episódios selecionados mantiveram o formato, as características de representação dos personagens e a mesma estrutura de produção de toda a série). A seleção teve como objetivo priorizar episódios que abarcassem maior variedade de temas e estereótipos nos conflitos apresentados. Além disso, contemplamos a presença das quatro domésticas que passaram pelo programa, uma em cada episódio. Assim, a segunda etapa da seleção teve caráter analítico pontual, avaliando cada episódio do recorte temporal selecionado, a fim de encontrar aqueles com maior diversidade de piadas. Os episódios da análise estão organizados na tabela a seguir.

Tabela 1: Episódios que compõem o corpus de análise

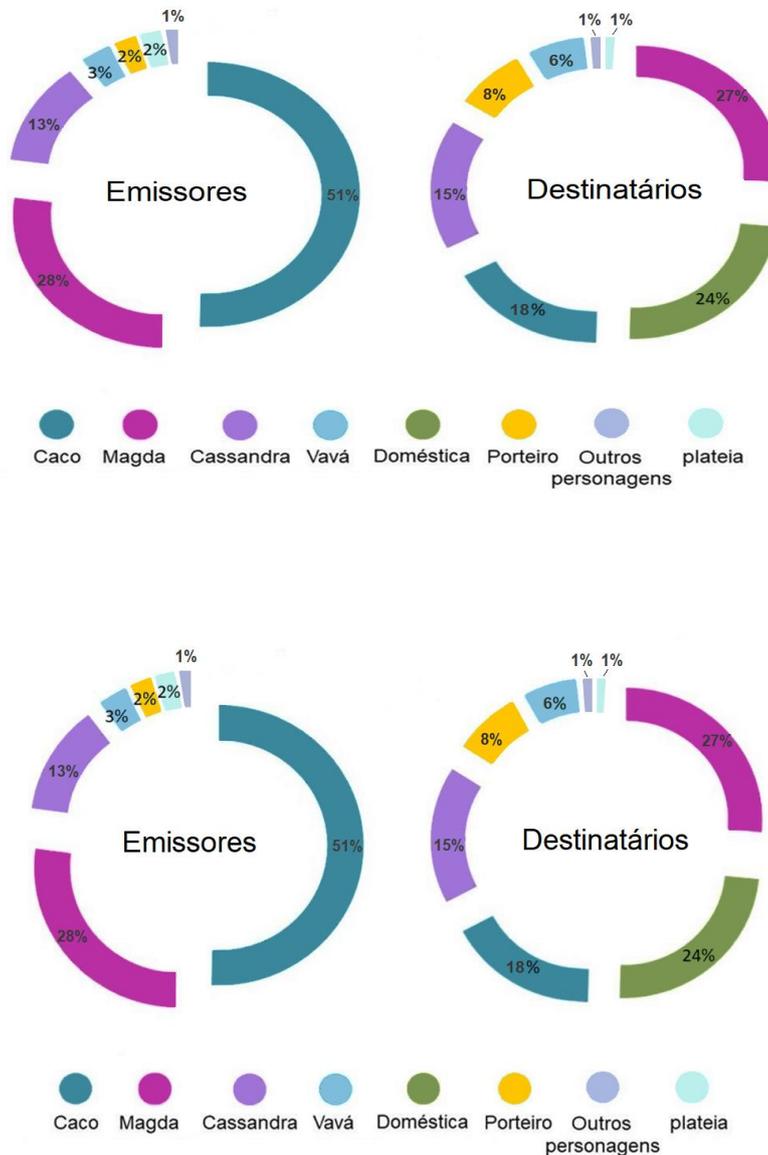
Título do episódio	Temporada	1ª exibição	Reprise
Pintou Sujeira	1ª	20/10/1996	09/03/2019
Dá no pé Loro	2ª	20/04/1997	02/02/2019
Mexe e Re-México	3ª	16/08/1998	16/02/2019
Trair e Cozinhar, é só começar	6ª	20/05/2001	19/01/2019

Fonte: Autores, com dados do Memória Globo

Em seguida, foram contabilizados os diálogos, a fim de identificar e quantificar os temas mais recorrentes, com registros de trechos e frases do programa. Os registros geraram dois eixos de análise: um contendo a proporção entre os emissores e os destinatários das piadas e outro com as os temas e piadas mais frequentes, agrupados em quatro categorias: “Horror a pobre”, “Ego de Caco”, “Cala a boca, Magda!” e “Pérolas de Magda”. Ressaltamos que esta quarta categoria se diferencia ligeiramente das outras, uma vez que engloba incorreções e comentários considerados estúpidos proferidos por Magda. Assim, essa categoria não constitui ataque direcionado a outro personagem, e sim uma espécie de zombaria de si mesma, em que a destinatária das risadas é a própria Magda, também emissora da fala. No entanto, ela é relevante pois a participação de Magda como personagem emissor aproxima-se de sua participação como destinatária, já que quando profere as “asneiras” ela torna-se a própria receptora das risadas e da ridicularização do público.

O gráfico a seguir representa o primeiro eixo de análise, comparando as relações dos personagens como emissor ou destinatário nas piadas. A construção dos gráficos deu-se a partir de dados coletados dos episódios que formaram o balanço quantitativo das participações dos personagens nas piadas. O dado é interessante para pensarmos no protagonismo de quem profere a zombaria e daquele que a recebe, demonstrando o desequilíbrio entre a posição de cada personagem dentro da narrativa.

Gráfico 1: Comparativo de emissores ou destinatários das piadas



Fonte: Autores

O gráfico corresponde ao esquema de comunicação entre os personagens nos episódios analisados. As ilustrações estão definidas em percentuais e representam quem fala e quem é alvo das piadas. Ressaltamos que durante os quatro episódios o programa manteve a estrutura de palco e personagens fixos. A presença de convidados (outros personagens) e a participação da plateia não causaram alteração significativa na distribuição gráfica.

Pelo gráfico à esquerda, percebe-se que o foco está concentrado em Caco, Magda e



Cassandra, respectivamente, cuja somatória atinge 92% das falas. Os três personagens sendo brancos e de São Paulo. Caco e Magda protagonizaram a maior parte das piadas: a soma das participações do casal corresponde a 79% (lembrando que grande parte das piadas de Magda se voltam contra ela mesma). Caco detém 51% do total e a ele atribui-se a principal autoria de piadas direcionadas a todos os personagens. O dado demonstra que Caco é o personagem que controla e dá o tom do humor no programa. Magda, por sua vez, proferiu 28% das piadas, seguida por Cassandra, no papel de sogra, que foi emissora de 13% das piadas, direcionadas a zombar e causar intrigas com os empregados, genro e outros personagens.

Vale ressaltar que o tipo de humor proferido por cada um desses personagens é diferente. Em certas ocasiões, o humor de Caco evidencia a hipocrisia, é satírico e conduz à humilhação e ao escárnio ou faz apologia à agressão física. Paralelamente, as piadas de Magda são costumeiramente erros ou expressões que demonstrariam sua falta de inteligência ou de cultura geral. Cassandra, por vezes, critica os empregados e Caco Antibes. Os demais personagens do elenco fixo, dos convidados e da plateia não tiveram parcelas significativas nas emissões de piadas, cuja somatória da participação correspondeu a 8%. A empregada doméstica não aparece desse lado do gráfico. Este dado pode ser visto como um silenciamento das classes não dominantes, algo recorrente no Brasil e reforçado na narrativa.

O gráfico à direita corresponde à distribuição dos percentuais dos destinatários das piadas. Ao observarmos a ilustração, percebe-se uma mudança de perspectiva, na qual a empregada doméstica passa a ter representatividade no reagrupamento de dados; Vavá e o porteiro também figuram, porém com parcelas menos significativas.

Em relação aos destinatários, Magda, a empregada doméstica, Caco Antibes e Cassandra são, respectivamente, os mais atacados, recebendo 84% das piadas. Os indicadores apontam que há uma divisão mais homogênea entre estes personagens. Magda lidera com 27% do total, que representam, em geral, respostas aos seus bordões e tolices. Isso demonstra que as principais categorias de humor e estereótipo são relacionadas à mulher como submissa e burra, e às questões de classe, quando referentes às domésticas.

Em segundo lugar, com 24%, aparece a empregada doméstica. Nesse caso, consideramos que esse percentual é resultado de piadas com teor relacionado a preconceitos de classe e maus tratos dos patrões. Caco obteve 18% e Cassandra aparece com 15% de participação, alvo das piadas dos demais personagens do programa. Notamos, portanto, que três entre os quatro mais zombados representam grupos vulneráveis: Magda enquanto mulher, as domésticas (com peculiaridades como ser gorda, no caso de Edileuza, ou nordestina, no caso de Sirene) e a idosa Cassandra (ainda que esta vulnerabilidade seja menos evidente nos diálogos). O porteiro Ribamar, com 8%, também foi alvo de piadas, enquanto Vavá recebeu 6% dos ataques humorísticos. Os demais personagens, como convidados e plateia, não tiveram parcelas significativas, cuja somatória correspondeu a 2%.

Vimos que a relação entre os personagens de Sai de Baixo é mantida nos quatro episódios.



Os dados mostram o protagonismo de Caco e Magda, ainda que com tons diferentes de piadas emitidas e recebidas. O tipo de humor será reforçado a seguir, nas análises de categorias.

6 Temas e categorias de humor

Após a compreensão dos personagens que concentram as zombarias preconceituosas e aqueles que recebem os ataques, avaliamos o teor das piadas. Na tabela, a classificação das categorias está identificada na coluna da esquerda. As colunas centrais registram a frequência por episódio. A coluna “Total” apresenta a somatória de ocorrências nos quatro episódios¹⁰.

Tabela 2: Balanço quantitativo das piadas por categoria temática, por episódio

Classificação	Categorias	Ocorrências nos episódios em número de vezes				Total nos episódios
		Pintou Sujeira	Dá No Pé Louro	Mexe E Re-México	Traire Cozinhar é Só Começar	
1°	Horror a pobre	9	7	7	16	39
2°	Ego de Caco	6	16	1	14	37
3°	Pérolas de Magda	11	4	15	3	33
4°	Cala a boca, Magda!	7	2	6	7	22

Fonte: Autores

A classificação mostra a predominância da categoria “Horror a pobre”, identificada 39 vezes nos episódios. A expressão “eu tenho horror a pobre!” tornou-se um dos bordões mais conhecidos do público. Ainda que o preconceito seja externado por outros personagens, como Cassandra, o gráfico mostra que o preconceito contra os pobres está centrado na figura de Caco, homem, branco, de classe média-alta (ou ao menos pretendente a essa classe). No menu de piadas de Caco Antibes, um dos elementos principais é a “pobrice” (atitudes de pobre). Ele destacava os aspectos considerados mais peculiares na generalização dos hábitos da população de baixa renda no Brasil. As piadas não seguiam um padrão definido, mas traziam bordões e repetições que se tornaram referência cíclica nas anedotas, facilitando o engajamento do público.

O personagem Caco descrevia as características que atribuía às classes mais baixas e detalhava o ciclo da pobreza. Em certas ocasiões a plateia aparentava estar rindo de si mesma, como se concordasse que de alguma maneira essa condição lhes pertencesse. No entanto, ainda que o público reagisse positivamente (considerando o riso uma ação positiva), os estereótipos reforçados

¹⁰ Sinopses: Episódio ‘Pintou Sujeira’: Caco pinta um quadro, no qual a empregada Edileuza derruba café e tenta limpar. O borrão é então apreciado por um marchand. Episódio ‘Dá no Pé Louro’: No dia de seu aniversário, Caco recebe a visita de seu irmão gêmeo foragido da prisão. Episódio ‘Mexe-Reméxico’: Caco decide atender um desejo de Magda, grávida, que gostaria de voltar a Cancún, onde passou a lua de mel. Para isso, transformou o apartamento em um resort. Episódio ‘Trair e cozinhar, é só começar’: uma socialite amiga de Cassandra descobre que a doméstica Sirene tem dons na culinária nordestina e quer contratar seu serviço.



nessas situações podiam levar ao preconceito fora das telas, uma vez que, ao tornar motivo de chacota o padrão de comportamento “do pobre”, reafirmaria uma ideia antagônica de “padrão correto” de comportamento. Assim, o personagem de Miguel Falabella manifestava vários preconceitos quando associava a imagem do “pobre” a comportamentos confusos ou vulgares. Algumas piadas frequentes faziam referência a erros de português proferidos por eles, o que retrata a desigualdade social pela falta de acesso à educação formal, ou a comidas consideradas ‘de pobre’.

O preconceito contra domésticas por vezes posiciona a profissional fora do círculo social principal, evidenciando a exclusão social e distinção, refletindo uma realidade social. Um exemplo ocorrido recentemente foi um pronunciamento do ministro da Economia Paulo Guedes: “Dólar alto é bom! Todo mundo indo para a Disneylândia, empregada doméstica estava indo para Disney, uma festa danada”.¹¹ O ministro finaliza a fala mandando as domésticas passearem no Brasil. A fala do ministro revela um problema social institucionalizado, apoiado na opinião de uma hierarquia social dominada pelas elites, que receiam a ascensão social das classes inferiores. Portanto, os padrões de vida mais altos seriam negados às classes mais baixas. Caco Antibes representa, portanto, uma parcela existente da elite brasileira, revelando cotidianamente estereótipos e preconceitos, o que leva o bordão “eu tenho horror a pobre!” a ser um dos mais utilizados em suas piadas.

A categoria “Ego de Caco” obteve o segundo lugar, com 37 ocorrências. Essa categoria apresentou grande oscilação entre os episódios, aparecendo até 17 vezes em um episódio e apenas uma vez em outro. A variação deve-se ao tema central de cada episódio, que prioriza ou destaca determinado foco humorístico. O baixo resultado da categoria – só aparece uma vez piada envolvendo o ego de Caco – foi no episódio “Mexe E Re-México”, que retratava a gravidez e o desejo de Magda de voltar ao México. Nesse episódio, Magda foi a protagonista e houve grande destaque de suas falas típicas, com erros e confusões, elevando a 15 o número de piadas na categoria “Pérolas de Magda”, que ficou em terceiro lugar com 33 ocorrências.

Caco era dono de um enorme ego e afeiçoado à ostentação, ainda que falido. De tanto falar de luxo, Caco acreditava na própria mentira, aos moldes do que Propp (1999) classifica como mentira cômica, aquela que pode ser desmascarada. Como farsante, Caco tinha a plateia como cúmplice. A fascinação de Caco por roupas importadas, carros e outros itens “de marca” fazia o personagem “ascender” socialmente. As menções de Caco eram exploradas em tom de humor, mostrando uma apreciação exagerada das marcas preferidas e sempre evidenciavam seu lado nobre e aristocrático. Essas atitudes revelavam o estereótipo do homem poderoso cercado de glamour, cuja riqueza era fruto de ações desonestas. Tais características eram complementadas com críticas e preconceitos a todos aqueles que não se encaixam nos padrões dominantes.

Caco frequentemente agredia verbalmente Edileuza por seu sobrepeso (por meio de apelidos

¹¹ Fonte: <https://oglobo.globo.com/economia/guedes-diz-que-dolar-alto-bom-empregada-domestica-estava-indo-para-disney-uma-festa-danada-24245365> . Acesso em: 09/03/2020.



como “fofolete”, “lutadora de sumô” ou “bem nutrida”).¹² Os apelidos direcionados a Edileuza incorporavam os mesmos aspectos gordofóbicos que atingem, e muitas vezes depreciavam, uma parcela da população. As piadas de contexto gordofóbico reforçam preconceitos existentes na sociedade, bem como a xenofobia, especialmente em relação aos imigrantes nordestinos em São Paulo.

A categoria “As pérolas de Magda” refere-se às falas que normalmente evidenciavam aliterações com erros gramaticais ou de expressões cotidianas. São piadas que mesclam um teor de ingenuidade com a falta de cultura geral, podendo ser visto como uma alusão ao panorama atual da educação no Brasil. A zombaria vinha de todos os personagens, mas intensificava-se com Caco Antibes, que, como consequência, maltratava Magda. Essa dimensão humorística remete a um estereótipo presente no senso comum, aquele da mulher que por ter corpo exaltado nos padrões, seria dotada de pouca inteligência. Trata-se de pensamento que julga e limita a capacidade da mulher, atribuindo como apelo físico a questão da beleza (e frequente exposição das pernas) em detrimento ao talento profissional e à capacidade intelectual. Em Sai de Baixo, Magda trajava minissaia, suas pernas expostas chamavam a atenção da plateia e dos personagens. Nesse sentido, configuram ao mesmo tempo preconceito contra a mulher e preconceito de classe social, pois desvalorizam a falta de repertório da educação formal que, por vezes, não é acessível a todos.

Paralelo à comédia está o cenário brasileiro, que traz uma realidade cheia de desafios. De acordo com o portal G1¹³, em 2019 “35% dos brasileiros com mais de 14 anos não completaram o ensino fundamental”. Sabe-se que há altos índices de evasão escolar, já que muitos jovens não estão na escola, outros nem se formam. Essa dinâmica resulta da realidade agônica da educação no país, que ataca parte da população, que é carente em educação formal. Assim, a zombaria direcionada a erros gramaticais e falta de conhecimento sobre aspectos da educação formal ou da cultura de elite, em grande parte dos casos, é relativa a outro problema social latente no Brasil.

A categoria “Cala a boca, Magda” aparece 23 vezes nos quatro episódios analisados, ficando em último lugar. O pico de ocorrências atingiu oito participações no episódio “Pintou Sujeira”. Na ocasião, por conta da “obra de arte” de Caco Antibes, que discute padrões de arte erudita, Magda foi censurada inúmeras vezes, graças aos seus comentários que evidenciavam desconhecimento do mercado artístico. A categoria obteve apenas duas ocorrências no episódio “Dá No Pé Louro”, cujo foco da comicidade estava nas confusões ocasionadas pela presença de Taco Antibes, irmão gêmeo de Caco.

Das 23 ofensas a Magda, 18 (78%) vieram de Caco, seu marido. Como piada, o bordão de Caco reflete o machismo estrutural brasileiro. As frases revelam o caráter de Caco Antibes, o personagem foi moldado no estereótipo do “homem-alfa” distintivamente caracterizado como machista.

¹² Os dois últimos foram tirados de outros episódios não estudados em nossa pesquisa – apenas são citados para ilustrar nossa hipótese.

¹³ Fonte: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/16/35percent-dos-brasileiros-com-mais-de-14-anos-nao-completaram-o-ensino-fundamental-aponta-ibge.ghtml>. Acesso: 20/03/2020.



Caco reafirma sua “autoridade” por meio da intimidação com um determinado tom de violência.

Além disso, o bordão “Cala boca, Magda!”, um dos mais famosos da série, pode ser entendido como uma referência à mulher que sofre violência doméstica, com agressões verbais ou físicas. Além da agressão verbal, o “cala a boca” remete ao receio da denúncia, à ordem de ficar calada. Nesse aspecto, há muitas “Magdas” no Brasil que não rompem o ciclo da violência e do medo. Mesmo sendo um programa de humor, a representação da violência contra Magda simboliza uma realidade não cômica e reflete o cotidiano de muitas mulheres. Esse ponto de vista prejudica a efetividade desse tipo de humor, que pode ser visto como uma crítica à figura masculina dominante, mas também pode reforçar esse comportamento agressivo, reduzir a gravidade de ataques e até mesmo elevar a imagem do homem agressivo. Nesse contexto, o bordão de Caco Antibes representa uma ameaça à vida de mulheres que vivem em situação de risco.

Outro ponto relevante é a semelhança com a realidade brasileira, em que os agressores são pessoas próximas da vítima, em sua maioria homens. De acordo com o relatório de pesquisa do Núcleo de Gênero do Ministério Público, sobre a vitimização de mulheres no Brasil, em 76,4% dos casos de violência doméstica o agressor é alguém próximo da vítima (p.26). Magda pode representar a mulher que carrega queixas, razões, necessidades não atendidas, coisas que estão sendo ditas além das palavras.

Caco enaltecia suas competências e ao mesmo tempo humilhava sua esposa. O personagem a mandava calar a boca, xingava de jumenta, anta e criminosa. Nos episódios analisados, também a sogra e a doméstica foram ridicularizadas. Os diálogos contemplaram frases do tipo “então, eu não posso mandar minha mulherzinha calar a boca?” ou “fique sabendo que esposa pra mim é igual macarrão, a gente enrola, enrola, enrola e depois come!”. O assédio era definido nas frases de Caco: “Eu devia era passar a mão e esfregar na sua cara!” ou “eu mato a Magda, eu mato aquela desgraçada!”. Há uma relação entre as palavras e a violência: são as falas com “poder”, poder de julgamento, de assédio e de crítica. Esses 17 assuntos relacionados à violência contra a mulher podem abrir importantes debates, pois essas palavras compõem o preconceito, são reflexos de uma realidade que precisa ser transformada, são palavras oriundas do machismo, do sexismo e da misoginia sugeridas no comportamento de Caco Antibes.

Em nossa proposição, Caco pode ser definido como um recorte da sociedade que representa o egocentrismo elitista. O personagem era adúltero, roubava, manipulava e deturpava. Ele exaltava o sexo masculino e inferiorizava sua esposa. Seu comportamento desqualificava Magda diante da sociedade e o colocava como seu “dono”. Nos episódios analisados, Caco vivia continuamente motivado e feliz, embora estivesse envolto em algumas confusões. O personagem, no geral, dava-se bem com a família e com os empregados, além de ser amado por Magda. A plateia aclamava Caco Antibes.

Apesar de tudo isso, era comum que seus esquemas, suas tentativas de golpe e de enriquecimento ilícito não obtivessem sucesso. Também, durante todo o programa, Caco continuava



sendo um homem egocêntrico e que se supervalorizava, quando, na realidade, morava de favor no apartamento de Vavá e não conseguia a tão sonhada ascensão social. O protagonista não era, portanto, o herói, mas uma espécie de anti-herói, ou antagonista de si mesmo, o que poderia dar margem, novamente, à interpretação de que o humor presente no programa seja uma crítica social.

Ainda assim, a análise das falas, ao revelar sua prevalência como personagem dominante, como emissor das piadas e como agressor, além da resposta a seus ataques (como Magda, ao se calar) demonstra a superioridade de Caco na narrativa. Some-se a isso a identificação da plateia demonstrada nas gravações e em comentários de vídeos recentes sobre a reprise.

Vale lembrar que o bordão “Cala boca, Magda!” foi popularizado e adquiriu outros contextos fora do humor. Ao que tudo indica, Caco Antibes fez discípulos, fazendo com que o bordão adquirisse um grau de convergência entre a ficção e a realidade. A exemplo, o portal UOL¹⁴ trouxe uma aplicação do bordão na manchete: “‘Cala a boca, Magda!’, grita o deputado Major Olímpio diante do ministro da Justiça em audiência”. O uso do bordão pelo deputado foi motivado pelas declarações do ministro da Justiça e Segurança Pública Torquato Jardim, em suas justificativas diante da crise de segurança.

A ex-presidente Dilma Roussef também recebeu um “cala boca”. De acordo com o portal Tnonline¹⁵, Marco Antônio Villa, comentarista de telejornal, fez uso do bordão de Caco Antibes. Em tom irônico, proferiu “Se não sabe, cala a boca, Magda!”, crítica dirigida à ex-presidente, por causa da entrevista concedida ao jornal La Jornada.

Os exemplos revelam que o bordão foi absorvido pela sociedade e aplicado em contextos diversos. Isso demonstra que talvez não exista uma crítica a quem o utiliza, e sim há uma reafirmação, desconstruindo o argumento de que a figura de Caco seria compreendida como crítica social ao homem de elite, preconceituoso e violento. Pelo contrário, os usos mais comuns da expressão, assim como os exemplos mencionados anteriormente, reforçam e validam essa atitude de suposta superioridade.

Ao invés de ridicularizar os personagens preconceituosos dominantes, (como Caco e Cassandra) a forma como os diálogos são construídos remetem a um reforço das falas proferidas. A centralidade do personagem de Caco, o predomínio de piadas agressivas ditas por ele e as reações secundárias dos outros personagens levam-nos a concluir que o humor em Sai de Baixo reforça os preconceitos e estereótipos existentes na sociedade.

As piadas baseadas em estereótipos e preconceitos parecem fazer parte estrutural do senso comum popular, e, sabemos, uma mudança neste cenário é lenta e gradual. Vimos que, apesar do conteúdo muitas vezes remeter a estereótipos e preconceitos, as piadas de Sai de Baixo são ainda lembradas, difundidas e potencializadas na voz de autoridades e também nas redes sociais.

¹⁴ Fonte: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/11/22/cal-a-boca-magda-grita-deputado-diante-de-ministro-da-justica-em-audiencia.htm>. Acesso: 12/03/2020.

¹⁵ Fonte: <https://tnonline.uol.com.br/noticias/entretenimento/13,333815,26,05,comentarista-de-telejornal-diz-a-dilma-cala-a-boca-magda.shtml>. Acesso: 12/03/2020.



6 Considerações Finais

Em análise do conteúdo das piadas contidas no programa humorístico Sai de Baixo, encontramos diversos níveis de preconceitos: de classe, de gênero, de forma física e regional. Ainda que seja aceitável – e até corriqueiro – o humor e o auto deboche como escape das mazelas cotidianas, moram aqui também os perigos de se reforçar preconceitos já existentes contra grupos minoritários. Esses perigos adquirem proporções mais amplas quando falamos de TV, em especial da TV privada de grande alcance, por se tratar de mídia cuja responsabilidade social deve ser sempre monitorada e avaliada.

Sai de Baixo explora fraquezas humanas como a mesquinhez, a ostentação, a estupidez, a grosseria e a divergência. Com a reprise, o tempo pode não ter depurado o teor de suas piadas, que atualmente ganharam a amplitude das redes sociais. A reprise de Sai de Baixo na TV aberta, exibida entre 2017 e 2019, e o filme baseado na série, lançado em 2019, indicam que ainda há aceitação desse tipo de humor, mesmo que não comprovem necessariamente concordância com as ideias contidas nas piadas. Caco Antibes representa uma parcela existente da elite brasileira que, mesmo se estivesse a ser criticada pela narrativa, com ela se identifica e eleva os índices de audiência.

Após mais de uma década de reivindicações e de movimentos sociais em prol de um humor menos ofensivo e politicamente correto, o sucesso atual dessas piadas é também um reflexo de quão lenta pode ser essa mudança na sociedade. O que poderia ser instrumento de denúncia, como no caso do humor de Sai de Baixo, pode não ter alcançado o status de protesto, ficando limitado apenas à comédia. Logo, a percepção entre crítica social e apologia ao preconceito dependerá do telespectador e dos fãs do programa.

Ainda que a pressuposição de que espectadores seriam seres passivos e acríticos tenha sido superada, a televisão deveria acompanhar pautas e aplicar em seus programas as mudanças culturais relacionadas a avanços na conquista de direitos, de diversidade e de respeito. Ressaltamos, portanto, a urgência da substituição do humor televisivo por comédias que se proponham a trazer para a TV aberta um humor não ofensivo, mas criativo e original.

Referências

- AMOSSY R; HERSCHBERG, P A.. **Estereotipos Y Cliches**. 1º edição. Buenos Aires: Eudeba, 2010.
- ASHLEY, P. A. (coord.). **Ética e Responsabilidade Social nos Negócios**. 2ª. Ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, [1977] 2016.
- BERGSON, H. **O Riso Ensaio Sobre a significação do Cômico**. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A, 1983.
- BOAL, A. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond. 2009.



BORGES, G.; REIA-BAPTISTA, v. (orgs.). **Discursos e Práticas de Qualidade na Televisão**. Lisboa: Livros Horizonte, 381 pp, 2008.

CABECINHAS, R. **Media, Etnocentrismo e Estereótipos Sociais** . Ciências da Comunicação na Viragem do Século. Anais do Congresso de Ciências da Comunicação, 1, Lisboa, 1999.

GRECO, C. **Virou cult! Telenovela, nostalgia e fãs**. 1. ed. Alumínio, SP: Jogo de Palavras: Votorantim: Provocare Ed., 2019. v. 1. 286p

HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LEVEK et. al. **A responsabilidade social e sua interface com o marketing social**. Rev. FAE, Curitiba, v.5, n.2, p.15-25, maio/ago, 2002.

LIPPMANN, W. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Vozes, 2008.

MARTINO, L. M. Sá. A.; Marques, C. S. **Teoria da Comunicação: Processos, Desafios e Limites**. São Paulo, SP: Plêiade, 2015.

MINOIS, G. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MONDAL, A. **Islam and Controversy: The politics of free speech after Rushdie**. London: Palgrave Macmillan, 2014.

MORAES, F. **No País do Racismo Institucional**. Recife, Pe: Publicações Ministério Público de Pernambuco, 2013.

MORREALL, J. (2009) **Comic Relief: A Comprehensive Philosophy of Humor**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 187 pp.

PAULINO, F. O. **Responsabilidade social da mídia: análise conceitual e perspectivas de aplicação no Brasil, Portugal e Espanha**. 2008. 348 f. Tese (Doutorado em Comunicação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

PICADO, B. **Mutações do Riso: novas figurações da comicidade nas tirinhas diárias**. Discursos Fotográficos, Londrina, v.11, n.19, p.35-57, jul./dez, 2015.

PROPP, V. **Comicidade e Riso**. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

Ministério Público. **Relatório de Pesquisa do Núcleo de Gênero do Ministério Público**. A Vitimização da Mulher no Brasil - Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2º ed. disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/02/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf> . Acesso em: 13 de março de 2020.

SILVA, M. V. B. **Origem do drama seriado contemporâneo**. Matrizes. São Paulo. V. 9 - Nº 1 jan./jun. 2015 p. 127-143, 2015.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 8º edição. Lisboa PT. Editorial Presença, 1999.

Recebido em: 16/09/2022

Aceito em: 05/11/2022